

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1401201957-70>

A PERDA DA EXPERIÊNCIA DE SI NA INFÂNCIA NO CENÁRIO NEOLIBERALISTA: O RITMO DO DESAMPARO SOCIAL THE LOSS OF CHILDHOOD SELF EXPERIENCE IN THE NEOLIBERALISM SCENARIO: O THE RHYTHM OF SOCIAL DISTRESS

João Luiz Leitão Paravidini*

Anamaria Silva Neves**

Sara Andrade Sousa Araujo***

Resumo: A racionalidade neoliberal tem o mercado como regulador soberano da vida, uma necessidade da história que implicou aos homens e às instituições se adaptarem a uma nova normativa subjetiva, capitalista e fragmentária, que encurta tempo e espaço e vem cindir, não somente com os laços sociais imprescindíveis aos sujeitos, como também com suas experiências singulares. A agitação neoliberal e o sujeito social centrado em si mesmo parecem surgir como defesas contra as metamorfoses do sujeito psíquico e seu excesso pulsional. A partir deste cenário, pretende-se repensar a travessia da infância contemporânea, aqui concebida enquanto experiência subjetiva, e articulá-la ao desamparo e ao laço social atual.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Experiência. Infância. Excesso pulsional. Desamparo.

Abstract: Neoliberal rationality has the market as the sovereign regulator of life, a necessity of history that has implied that men and institutions adapt to a new subjective, capitalist and fragmentary normative, which shortens time and space and comes to split, not only with the social ties indispensable to the subjects, as well as their unique experiences. Neoliberal agitation and the self-centered social subject seem to appear as defences against the metamorphoses of the psychic subject and his drive-over. From this scenario, we intend to rethink the crossing of contemporary childhood, here conceived as a subjective experience, and articulate it to the current social bond and abandonment.

Keywords: Neoliberalism, experience, childhood, excess drive, distress.

Recebido em 21/05/2019. Aprovado em 28/06/2019.

* Doutor em Ciências Médicas, Pós-Doutorado pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Atualmente é Professor Associado no curso de Psicologia - graduação e pós-graduação strictu sensu - da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: paravidini@ufu.br

** Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Pós-Doutorado no CWASU - Child and Woman Abuse Studies Unit, instituição vinculada à London Metropolitan University, em Londres. Atualmente é Professora Associada no curso de Psicologia - graduação e pós-graduação strictu sensu - da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: anamaria.neves@ufu.br

*** Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: saraudi.psico@hotmail.com

Digo: o real não está na saída nem na chegada ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (Guimarães Rosa)

Freud, ao longo de suas obras, nos convidava a pensar sobre os efeitos que o mundo biológico e o social exerciam sobre o indivíduo, posto que, para ele, as relações de um indivíduo com os pais e com os objetos de seu amor poderiam ser consideradas também enquanto fenômenos sociais (FREUD, 1921/2017). Diante de nosso momento histórico-social atual, temos algumas reflexões críticas a serem traçadas, que nos servirão de preâmbulo antes mesmo de chegarmos propriamente ao nó problemático deste artigo, qual seja, o desamparo e a perda da experiência de si na infância contemporânea.

Nos defrontamos em nossas atividades clínicas atuais não mais com pacientes empedernecidos em conflitos psíquicos, mas com pessoas marcadas pela ausência de sentido, capturados por um “autismo induzido”, conforme nos provoca Quinet (2012, apud OLIVEIRA, 2016, p. 42), e aqui incluímos crianças inseridas precocemente num cenário social de uma consequente fragilização do espaço da intimidade, tão necessário a estas últimas (BORAKS, 2002). Tal fragilização tem enunciado um cuidado anônimo, apresentando-se na clínica de crianças como quadros os quais Winnicott nomeava como complexo de de-privação, quando a criança é destituída de algum aspecto essencial de sua vida familiar (WINNICOTT, 1956/2000).

Assim, as crianças de nosso tempo nos têm chegado em situações de desamparo, apresentando como sintoma: agitação motora, falta de limites e dificuldade de separação (BERNADINO & KUPFER, 2008). Esta realidade tem sido vivenciada por muitos, não somente na clínica de crianças como também nas intervenções em berçários, escola de educação infantil e outras redes de cuidado social.

A clínica do vazio, dos efeitos de desenlace social contemporâneo, nos põe a refletir: se o mal-estar social da época de Freud (1930/2010) era causado pela severidade e autoritarismo de uma cultura rígida ao preço da perda de felicidade pelo acréscimo do sentimento de culpa, o mal-estar atual parece estar ligado a uma estrutura de trabalho fragmentária, proposta pelo capitalismo moderno, a qual acelera o ritmo de vida, encurtam tempo e espaço, e atravessa a condição de simbolização dos sujeitos remetendo-os ao tempo presentificado da compulsão e ao esvaziamento subjetivo (MONTES, 2012).

Diante disto, o presente artigo busca articular as reverberações da nova forma de capitalismo atual, concebida como neoliberalismo, no campo do sujeito psíquico, em especial da criança contemporânea, esta última concebida enquanto sujeito de travessias e construções frente ao desamparo originário. Pretende-se fazer uma leitura crítica de nosso cenário social atual, servindo-se da psicanálise para analisar o esfacelamento dos laços sociais, bem como suas implicações que levam ao desamparo social, sustentando a hipótese de que decorre daí a perda da experiência e uma consequente fragmentação subjetiva na infância contemporânea.

INTRODUZINDO UM AMPLO E CRÍTICO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Há não muito tempo atrás, os sujeitos começaram a vivenciar uma revolução permanente na ordem econômica e capitalista, nomeada como neoliberalismo. Procedente de um sistema mercantil liberalista que colocava restrição aos poderes dos reis e a limitação do Estado em favor da concorrência e da liberdade econômica, o sistema neoliberalista tem o mercado como regulador soberano da vida, uma necessidade da história que implicou aos homens e as instituições se adaptarem a uma concorrência generalizada e sem trégua (DARDOT & LAVAL, 2016a). Esta adaptação, por sua vez, decorreu numa transformação profunda não somente do próprio capitalismo, como também dos modos de vida e das mentalidades dos sujeitos, pois exigia dos homens o crescimento contínuo das inteligências, representando aqui a educação, a informação e a tecnologia. A política neoliberal deveria mudar o próprio homem a fim de que a herança social e a economia formassem um todo homogêneo (WALTER LIPPMAN apud DARDOT & LAVAL, 2016a).

Nesta nova ordem, os homens teriam mobilidade econômica, o que significa que nas empresas teriam que evoluir, mudar de cargo e enfrentar a concorrência generalizada, já que numa sociedade liberal o aprimoramento do mercado é vital. Eis aqui o homem-empresa, o empreendedor, princípio da nova normativa capitalista, principal agente da produção, da riqueza e do consumo (DARDOT & LAVAL, 2016a). Fala-se que este último, além da inteligência e do conhecimento, deva ter também a ciência da experiência. Nisto “se confunde experiência com trabalho” (BONDÍA, 2002 p. 23), pois enquanto a experiência faz menção a condição de dar sentido ao que nos toca, a ‘experiência’ dos mercados tem a ver com a ciência da prática.

Aqui, temos o surgimento do herói pós-moderno neoliberal em detrimento do sujeito psíquico. Nesses termos, é imputado aos sujeitos ‘bem-sucedidos’, conforme idealização oriunda do imaginário social, que além de vastas formações em seu currículo, sejam talentosos, proativos, dinâmicos, inovadores e tantas outras listas de combinações produtivas, inseparáveis da concorrência, para se ter um lugar no mercado.

Neste momento “a atividade econômica deve ser entendida como um esporte, uma impiedosa e perpétua luta de boxe” (DARDOT & LAVAL, 2016a, p. 354). Não é à toa que a palavra coaching, ciência de formação pessoal ligada à gestão de pessoas e à psicologia pós-moderna, teve sua origem do mundo dos esportes e designa o papel de um treinador orientado em estimular os sujeitos para que maximizem seus desempenhos e resultados (SILVA, 2010).

Na ideologia neoliberalista, ser bem-sucedido na carreira é confundido com ser bem-sucedido na vida. Nesta nova norma subjetiva de realização pessoal, o poder não procede mais da autoridade externa, pois a fonte da eficácia está localizada no próprio indivíduo. A subjetividade pós-moderna fica atravessada por uma gestão de almas, rendida a um imperativo de desempenho e gozo, e a sociedade é concebida como a grande empresa e os sujeitos, ora como capital humano, ora como consumidores (DARDOT & LAVAL, 2016a).

Neste sentido, vale resgatar o conceito foucaultiano de dispositivo para trazer a luz todo o conjunto de discursos, instituições e leis que são interiorizados pelo sujeito enquanto processo de subjetivação. Articulado a esta questão, o filósofo Giorgio Agamben (2005), argumenta que termos como management e gestão estão ligadas a palavra grega Oikonomia, que desempenhara na teologia a função decisiva, fazendo menção a administração do Oikos ou do lar. Para Agamben, os padres sentiram a necessidade de falar de uma economia divina, pois, no decorrer do segundo século, começou a se questionar como Deus poderia ser uno e ter três figuras divinas, o Pai, o Filho, e o Espírito. Eis então a resposta dos padres: “Deus enquanto ser era uno, mas quanto à sua economia a administração de seu lar (...) era tríplice.” (OLIVEIRA, 2016, p. 38). Desta forma, dispositivo, do latim dispositio, traduziria o fundamental termo grego Oikonomia, articulando e cindindo ser e práxis (AGAMBEN, 2005).

Para este mesmo filósofo, em Foucault, estes dispositivos, ligados a ideia de Oikonomia, adquiriram uma importância ainda mais positiva, uma vez que o conjunto de práticas, saberes, e instituições ordenariam o sentido de ser dos homens. Para Dardot e Laval (2016a), uma vez que os sujeitos se converteram aos atrativos do enriquecimento privado, aos tipos de educação da mente, de controle do corpo, de organização dos trabalhos e até de uma determinada forma de lazer e descanso, estes se transformaram em dispositivos de eficácia, aptos a produzirem ‘recursos humanos’ hábeis a funcionar no grande circuito da produção e do consumo, em um modelo de um novo ideal de homem.

Aqui, ainda fazendo jus à reflexão de Agamben (2005) quando divide a ontologia das criaturas, o ser vivente, e a oikonomia dos dispositivos capazes de capturar e separar o ser, o filósofo reconhece que a própria linguagem, religião e a filosofia estão também entre os dispositivos criadores, no corpo-a-corpo, de um terceiro, ou seja, do sujeito. Todavia, o que se distingue nisto é que na extrema consolidação capitalista “estamos vivendo com uma gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos” (p. 13), o que torna possível ponderar que se há excessos no campo das práxis em detrimento do ser, há excessos da cisão no campo da subjetivação.

Em vista disto, valeria resgatar o que Quinet (2015), discorrendo sobre o funcionamento paranoico, diz sobre a retenção do sujeito por um signifiante. O que ele propõe em seus escritos é que este último não deslizaria na cadeia das representações como o neurótico, mas ficaria “congelado” ali, colado a uma “única” verdade: “o pastor”, “o psicanalista”, “o presidente”; “você está, e não é presidente”, argumenta Quinet (2015, p. 115).

Logo, se nesta nova razão de mundo o campo do trabalho é colocado como “única” verdade, e a lógica do capital é estendida ao laço social, podemos inferir que haverá no campo ‘do trabalho’ formas de vida que acabam por alienar o sujeito do pathos e da experiência, conduzindo-lhe ao fracasso de sua subjetivação. Já no campo do laço social haverá a proliferação de novos dispositivos, concebidos enquanto ilusões e formas de gozo, os quais acabam por subtrair e deformar o trabalho psíquico das subjetividades, disseminando na perda da experiência - Ehrfahrung (DUNKER, 2011).

Para Birman (2007), as transformações familiares que decorreram deste campo social, incidiu na própria economia do narcisismo das crianças, e ocasionou novas modalidades de subjetivação e novos transtornos psíquicos, sendo o aumento dos quadros

de autismo um dos prováveis efeitos desta equação contemporânea. Diante do exposto, chegamos diante do seguinte nó problematizador: se o laço social constrói experiência e subjetividade frente ao desamparo originário do sujeito, como fica a travessia deste processo na infância contemporânea, uma vez que a estrutura simbólica, tanto dos pais como da criança, é alvo de instrumentalização pela nova lógica econômica?

DESAMPARO ORIGINÁRIO E O LAÇO SOCIAL NA INFÂNCIA: CONSTRUÇÕES DE UMA TRAVESSIA

Segundo Bondía (2002), a palavra experiência deriva do latim *experiri*. Periri é o radical desta palavra, que procedente da raiz indo-europeia *per*, se relaciona com a ideia de travessia. O autor mostra que em alemão, experiência é *Erfahrung*, por conter o *fahren* de viajar. Para ele, a palavra experiência teria o ‘ex’ de estrangeiro, exílio, e estranho, passando a ideia de “a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita” (p. 25). Curiosamente, a palavra Construção, do latim *Construction*, pode significar ato de fazer passagens, vias e estradas.

Partindo da proposição de que o infante é sujeito de laço social e que a experiência vivenciada a partir deste último (des)constrói o sujeito psíquico frente ao desamparo originário, tentaremos enlaçar possíveis diálogos entre Freud, D. W. Winnicott e autores contemporâneos da Psicanálise, bem como com a obra de Walter Benjamin, a fim de localizarmos o lugar da infância e da experiência nas obras destes autores, para então repensarmos a infância contemporânea.

Nos textos de Freud, desde os que tratam do bebê lactante até aos que retomam a infância em outras situações, como nas fantasias de castração, por exemplo, a fim de se conhecer suas reverberações no mundo psíquico do adulto, percebemos os contornos do infantil entrelaçado ao desamparo. Em carta publicada a Ferenczi, Freud (1919/2017) irá buscar a fonte da categoria de estranho – evocadora do desamparo – num estado mental mais primitivo e no terreno da crença infantil, especificamente no medo comum das crianças de perderem seus órgãos e de serem feridas, enunciando com isto o próprio temor da castração. Este, por sua vez, teria ensejo na linguagem dos sonhos e na compulsão a repetição, claramente expressa nos impulsos infantis.

Desta forma, o criador da psicanálise encontrará no termo *Heimlich* do alemão uma ambivalência de sentidos, a qual pode ligar-se tanto a um fator íntimo, amigável, vinculado a experiência de um contentamento doméstico tranquilo, como também ligar-se ao místico, e num sentido diferente, a estranheza e ao seu oposto *unheimlich*. Neste enredo, fica a infância concebida como campo do angustiante, lugar de estranheza e ambivalência.

Retomando com Freud em *Totem e Tabu* de 1913, o autor ali já circunscrevia tal desamparo originário na psicogênese do místico e da moralidade. Para ele, a crença animista, bem como a magia e a onipotência de pensamento, fundamento sobre os quais estariam assentadas as religiões, serviriam para proteger os indivíduos de inimigos e perigos, possuindo como operador metapsicológico crenças originadas pelos próprios

desejos humanos; desejos estes análogos aos das situações psíquicas de crianças, conforme hipótese freudiana, os quais se satisfariam de forma alucinatória diante de uma impotência real.

Nestes termos ficam claros os contornos não só da necessidade infantil de proteção pela via do Totem e de interdição pela via do Tabu, como também Freud parece acrescentar aí a necessidade de uma transmissibilidade demarcada por uma diferença de gerações, denominada pelo autor como ancestralidade, que neste contexto agiria para historicizar, proteger e identificar cada membro de uma determinada cultura e comunidade. Tais estruturas metapsicológicas encontrarão mais tarde, em Freud (1927/2017) e Winnicott (1951/2000), os estados ilusórios de mente e transicionais, os quais estariam vinculadas ao credo religioso – enquanto manifestação de fé singular e expressão cultural – bem como a uma área de desenvolvimento intermediária com efeito para a constituição psíquica do sujeito da experiência (BIRMAN, 2008).

Diante da trama do místico e do complexo paterno, André (2001) diz que não é à toa que a semântica *Hilflosigkeit*, noção freudiana de desamparo originário, se ligaria a uma história tingida de religiosidade. A palavra *Hilfe*, que significa socorro (CECCARELLI, 2009), simbolizaria um papel significativo na tradução da bíblia colocada por Lutero; Jó seria o personagem *hilflos* (sem ajuda), tendo como única ajuda digna desse nome a ajuda de Deus (ANDRÉ, 2001). Desta forma, *Hilflosigkeit* teria sua significação como “insocorribilidade” (CECCARELLI, 2009) em não ter mais ajuda possível nem de mãe nem de pai (MENEZES, 2005).

Ainda sobre o desamparo, Freud (1926/2017) esclarece:

Aqui a ansiedade aparece como uma reação à perda sentida do objeto e lembramo-nos de imediato do fato de que também a ansiedade de castração constituiu o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso, e de que a mais antiga ansiedade – a ‘ansiedade primeva’ do nascimento – ocorre por uma ocasião de uma separação da mãe (p.86). (...) verifica-se que a ansiedade é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico (p. 87).

E sintetiza em *O mal-estar na civilização* (1930/2010):

Quanto às necessidades religiosas, parece-me irrefutável a sua derivação do desamparo infantil e da nostalgia do pai despertada por ele, tanto mais que este sentimento não se prolonga simplesmente desde a época infantil, mas é duradouramente conservado pelo medo ante o superior poder do destino (p. 25).

Com isto Freud permite-nos ver no infantil a possibilidade de um estado mental animista, procedente de uma filogenética primitiva bordejada por ansiedades ligadas a perda de um objeto e seu restabelecimento na etiologia do sentimento místico. Para então tentar alcançar, no registro de sentidos diversos, a felicidade através de um programa do princípio do prazer, o qual seria capaz de ordenar toda a economia libidinal do aparelho psíquico e estabelecer travessias de uma experiência de vida.

Logo, é nesta dimensão estrutural do infantil que encontramos a insuficiência fundamental do ser humano presentificada na infância, qual seja, o desamparo do sujeito

psíquico (STEIN, 2011; CECCARELLI, 2009). Este último constituiu para Freud como operador metapsicológico fundante e estruturante do psiquismo, o qual permitiu compreender sua importância nas economias e ligações libidinais, bem como em toda a base em que se assentam as psicopatologias (MENEZES, 2005). É a partir deste operador psíquico que vão sendo construídas as travessias para o laço social, ao mesmo tempo em que, também, vão sendo traçadas as experiências subjetivas singulares de cada sujeito, bordejando sentidos de vida e possibilidades de historicização.

Nestes termos as ilusões, as formações e fantasias inconscientes, as exigências pulsionais, bem como as expressões da mente humana – manifestado nas brincadeiras da criança – seriam efeitos de impulsos plenos de desejo originados do desamparo infantil, o qual não pode ser completamente eliminado da vida adulta, e estão sempre inclinados a reencontrar o objeto da primeira experiência de satisfação (SANTOS & LOPES, 2013). Trata-se aqui de reminiscências e exigências pulsionais e de trabalho mental, para agora serem vinculadas num sentido psíquico no estatuto do laço social, do simbólico e das crenças.

Neste sentido afirmam Santos & Lopes (2013):

A fantasia (...) é uma verdade, isto é, tem estrutura de ficção, e a verdade é uma defesa contra o real, vazio de sentido da pulsão. (p. 13). (...). Esse lugar vazio que se instala entre o sujeito e o Outro é o real. Não sabemos o que queremos. Isto nos faz sofrer, mas também nos faz sonhar (p.14-15).

Notadamente esta dinâmica pulsional, para além da dimensão do vazio, mas, orientada à um sentido psíquico – das reminiscências primevas às representações e formações do laço social – só seria possível “a partir da relação de total dependência que a criança estabelece com quem lhe deu vida psíquica” (CECCARELLI, 2009). É neste sentido que Freud (1914/2017) irá sustentar o pensamento de que o ego precisaria ser desenvolvido, sendo necessário para isto que uma nova ação psíquica, ato de catexização de um objeto-sujeito, seja adicionada ao autoerotismo a fim de provocar o narcisismo.

Noutro texto, Freud (1924/2017) nos dirá que haveria, num estado inicial de energia total disponível de Eros, um grande reservatório ou tanque de armazenamento libidinal. Neste espaço, a pulsão de vida atenderia à força de Eros – instintos libidinais do amor – para fazer laço. Freud ainda adiciona neste mesmo texto, que é o elemento ritmo uma das características qualitativas ligadas ao prazer de uma experiência.

A ideia de ritmo aproxima-se ao que Winnicott formula quando nos diz que é conforme o ritmo da díade mãe-bebê, e a possibilidade da primeira se adaptar quase inteiramente às necessidades do segundo, que proporcionará ao bebê a condição de ter a ilusão de que o seio materno é uma parte dele mesmo, ficando o seio em uma condição de objeto subjetivo, ou seja, alucinado e criado. É então neste ritmo próprio da dupla mãe-bebê que a primeira, num estado de regressão e identificação, produziria um momento ilusório do primeiro laço com o objeto externo. Isto porque o bebê não está consciente que ele é o mesmo nos estados de quietude e de excitação. Para este autor, o importante é que de tempos em tempos, esta criança ao ser balançada, aquecida e segurada se torne um e sinta alguma coisa. Tem-se aqui a inscrição de um objeto subjetivo, experienciado em um dado tempo interno (WINNICOTT, 1945/ 2000).

Logo, o desamparo infantil encontraria neste ritmo singular de uma díade as condições de dependência absoluta, em que a devoção da mãe à criança, numa liberdade materna de entender-se com o bebê à sua própria maneira e a maneira do bebê, ensinaria os primeiros vislumbres significativos de contato com a realidade. É no contexto deste relacionamento singular do bebê com o seio da mãe, aqui concebido enquanto técnica de maternagem, como duas linhas em direção opostas uma a outra – o primeiro com seus impulsos instintivos e o segundo com sua capacidade de satisfação destes instintos – que se estabeleceria potencialmente uma relação em que ambos vivenciariam juntos uma experiência subjetivante.

A partir desta vivência, o estabelecimento de uma vaga interioridade na inscrição do objeto subjetivo, será a base para a uma possibilidade de desenvolvimento da intimidade (BORAKS, 2002). Decorre daqui a raiz do simbolismo no tempo, o qual descreve a travessia do bebê num espaço transicional de possibilidades de aceitar diferenças e similaridades (WINNICOTT, 1951/2000), o qual faz pontes entre o subjetivo e o objetivo, numa espécie de progressão da capacidade de viver e se relacionar. Assim, a vivência do ritmo foi nomeada por Winnicott como ‘partícula de experiência’, seja enquanto alucinação inicial, ou como uma realidade externa percebida.

Neste trecho da travessia, o que ocasionava vazio e ansiedade, depois de vivenciadas experiências singulares de confiança na díade mãe-criança, é preenchido por um espaço potencial rico em símbolos e criatividade. Desta forma, além do investimento libidinal – em que a demanda pulsional exigirá outro “alimento” que não mais o fisiológico, mas o psíquico através do reconhecimento, do amor e da linguagem – acrescenta-se ao ritmo mais um elemento de importância para a constituição do infante: o fator tempo.

Para Winnicott (1975), o brincar e a experiência cultural vinculariam o passado, o presente e o futuro. Na brincadeira infantil do fort da, Freud (1920) pôde compreender que o menino de um ano e meio, ao arremessar seu carretel para longe fazendo este desaparecer – passado – proferir seu expressivo “ooó” como espanto e angústia pela representada perda do objeto – presente –, para então puxar-lhe pelo cordão e saudar-lhe por seu alegre retorno – futuro –, renunciava sua satisfação instintual imediata, ao mesmo tempo que ligava, num sentido psíquico, o desaparecimento aflitivo e o conseqüente retorno da mãe. Isto dava ao menino condição de tolerar a partida materna sem protestar, o que Freud chamará de a “grande realização cultural da criança” (p. 10).

Na formação de uma experiência subjetiva, o sujeito da psicanálise se efetuará em tempo necessário para as ocorrências de profundas metamorfoses e passagens de redistribuição de gozo (FLESSLER, 2008 apud STEIN, 2011). Logo, na primeira infância, a continuidade de (no) tempo em um determinado espaço emocional singular, construiria um ‘continuar a ser’ de vivências únicas formadoras do sujeito da experiência (WINNICOTT, 1951/2000).

Se para Winnicott a experiência infantil residiria na continuidade de ser e nas transicionalidades, enquanto passagens – contruction – para os símbolos, brincadeiras e laços sociais constituidores singulares da subjetividade, para Walter Benjamin (1933/1987) esta travessia do sentido de si se apresentaria na medida em que o sujeito cresceria em condições de transmissibilidade e significações de experiências passadas de geração em geração, historicizando e vinculando ancestralidade e atualidade.

Por este motivo, Benjamin (1933/1987) dirá que as experiências estão em baixa, na medida em que não há mais a transmissão de significados num espaço e tempo que construa memória social. Para este autor, estamos todos diante do fim daquilo que abre passagens e constrói sentidos, qual seja: a narrativa. Esta última não é valorizada na sociedade moderna capitalista, desvalorizando com isto as experiências, as quais passam a ser não comunicáveis.

Os atravessadores modernos neoliberais permitem-nos dimensionar o que se faz presente como o nó-problemático da infância contemporânea: o anonimato manifesto no ritmo quantificável do homem-empresa – reinaugurador de hilflosigkeit –, e disfarçado por objetos oferecidos pelo capitalismo, os quais prometem pôr fim a dinâmica pulsional torno do desamparo originário.

METAMORFOSES DA TRAVESSIA E OS ATRAVESSADORES NEOLIBERAIS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Freud (1908/2017), discorrendo a respeito do aumento das exigências sociais e econômicas associados às doenças nervosas modernas, já enunciava que as mulheres pagaram um preço muito maior pelos desígnios da civilização do que os homens. Neste texto, o autor revela haver um antagonismo entre uma “moral sexual natural”, capaz de conservar sua saúde e eficiência, e uma “moral sexual civilizada”, uma obediência moral aquilo que estimularia homens e mulheres a uma produtiva e desmedida atividade cultural.

Ao examinar a capacidade de amar das mulheres ao longo da vida, Freud sugerira que estas ainda em sua juventude não estariam prontas para a realização psíquica de um maior prazer sexual e para o enfrentamento das dores de parto, em função de lhes serem impostas pela sociedade daquela época uma intensa produção civilizatória, sendo isto a causa de uma espécie de “retardação artificial de suas funções eróticas” e uma “supressão de sua sexualidade” (FREUD 1908/2017).

Diante do exposto, podemos reconhecer que assim como a “moral sexual civilizada” dos tempos de Freud parecia ser um impeditivo para o desenvolvimento emocional pleno das mulheres, enquanto esposa e mãe, em nossa civilização contemporânea esta ‘anestesia’ e ‘retardo’, enunciados pelo autor, parecem estar ligada a uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos modernos (AGAMBEN, 2005), os quais conduzem à uma cisão no campo da subjetivação e nos campos dos engendramentos vinculares, tanto da mãe quanto de sua prole. Para Rosa (2016), os avanços dos processos políticos e de globalização trazem impasses nos laços sociais. Estes seriam responsáveis por levar os sujeitos a um desenraizamento cultural, e torná-los contemporâneos imigrados sem memória, saturados de informações e que não se posicionam nem a si nem aos seus filhos.

Posterior ao reconhecimento de um certo ‘retardo’ no desenvolvimento pulsional pela “moral sexual civilizada”, o pai da psicanálise acrescentará à este desfecho (FREUD 1930/2016) a percepção de que o amor parece se opor aos interesses da cultura, como também a cultura parece se opor aos interesses do amor, seja representado nos impasses inerentes à distribuição das economias libidinais, seja representado no estatuto da ambivalência.

Nos atentando para os desenlaces da satisfação vital nos terrenos das relações humanas, Freud irá examinar os riscos emocionais apresentados no terreno do erotismo genital concernentes a desavença libidinal. Para o autor, esta desavença ocorreria uma vez que o sujeito ficasse dependente “de maneira preocupante de uma parte do mundo exterior” (FREUD, 1930/2010, p. 64) e exposto ao sofrimento máximo das oscilações e decepções do amor. E prossegue, no curso da evolução entre o amor e a civilização, que lhe era próprio de sua época:

Depois são as mulheres que contrariam a corrente da civilização e exercem a sua influência refreadora e retardadora, elas, que no início estabeleceram o fundamento da civilização através das exigências de seu amor. As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da cultura tornou-se cada vez mais assunto dos homens; (...) Como um indivíduo não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem que dar conta de suas tarefas mediante uma adequada distribuição da libido. Aquilo que gasta para fins culturais retira na maior parte das mulheres e da vida sexual (...). Então a mulher se vê relegada a segundo plano pelas solicitações da cultura e adota uma atitude hostil frente a ela. (...) a estrutura econômica da sociedade também influi sobre a medida de liberdade sexual restante. (...) Psicologicamente se justifica que ela comece por desaprovar as manifestações da vida sexual infantil. (FREUD, 1930/2010, p. 67-68)

E ainda investigando de onde adviria o elemento perturbador causador de mal-estar cultural amplia o autor:

As manifestações de Eros eram suficientemente visíveis e ruidosas; era de supor que o instinto de morte trabalhasse silenciosamente no interior do ser vivo(...). Assim o próprio instinto seria obrigado ao serviço de Eros, na medida em que o vivente destruiria outras coisas, animadas e inanimadas, em vez de si próprio. (p. 86)

Neste sentido, a angústia, não reconhecida como tal, mas presentificada na forma de insatisfação para a qual se buscariam outras motivações, se apresentaria como sintoma – elementos libidinais sucumbidos –, ou seu correlato sentimento de culpa – elementos agressivos sucumbidos – vindo à luz sob forma de mal-estar. Para além da desavença na casa da libido com largo alcance para a vida psicológica infantil, como mostrado na citação do autor, o amor também teria em sua ‘fórmula’ a eterna luta de Eros com seu corolário instinto de destruição. Logo, a questão decisiva apresentada por Freud era saber em que medida a evolução cultural controlaria as perturbações trazidas à vida em comum pelos instintos humanos.

Birman (2007), em seu ensaio sobre as novas formas de organização familiares e do laço social, articulando as leituras psicanalíticas com as leituras históricas para se destacar o quadro complexo onde se inscrevem as novas formas de mal-estar, nos mostra que a libido feminina se condensava na gestão da ordem familiar e que a figura da mulher-mãe era o objeto de uma experiência sacrificial em nome do investimento dos filhos. Todavia, com o movimento feminista, as mulheres passaram a disputar uma outra posição social de igualdade com os homens, pretendendo-se dispor de reconhecimento simbólico através da inserção no mercado de trabalho. Para este autor:

Assim, as mulheres saíram de casa para ir em busca de um projeto identitário e singularizante, mas, em contrapartida, os homens não voltaram para compensar e equilibrar a ausência materna. Com isso, as crianças passaram a frequentar desde muito cedo as creches e as escolas maternas, que passaram a suprir a ausência das figuras parentais. Com o crescimento das crianças a ausência destas se fazia ainda presente, de maneira que os empregados passaram a suprir tais ausências, quando os recursos financeiros possibilitaram isso, ou o excesso de atividades programadas. Neste contexto, o espaço do jogo infantil foi evidentemente restringido, tendo na performance e na socialização compartilhada as suas contrapartidas. Parece-me que a fantasmaticização das crianças foi aqui atingida de maneira frontal, assim como aquilo que é o seu correlato, qual seja, a potencialidade de simbolização e de articulação linguageira. (...) tudo isso acabou por produzir uma crise importante na relação da família com a escola, que está longe de ser resolvida. (BIRMAN, 2007, p. 56,57).

Enquanto para Freud e Winnicott, na travessia do infantil, seria indispensável um grande investimento libidinal num ritmo singular de uma dupla mãe-criança – investida de tempos e contornos geracionais propiciadores de experiências fortalecedoras que culminem na saída do infante do campo de estranheza e desamparo originário e lhe dê uma identidade – no momento social neoliberalista, o tempo subjetivo e interno da criança pequena é atravessado por um ritmo quantificável do homem-empresa, “a impregnação da criança por uma trama familiar é reduzida a uma porção mínima” (GUINARD, 2008, p. 4), o que não permite uma sedimentação progressiva do laço e das experiências.

Nesta nova norma subjetiva rompe-se com a ideia de referencial protetor das organizações familiares e sociais, quebra-se com o lugar referenciado de proteção da identidade das crianças pequenas, uma vez que as últimas são introduzidas precocemente na comunidade e em suas leis gerais, sendo cuidadas de um modo anônimo e geralmente técnico (BERNADINO & KUPFER, 2008). Neste novo ritmo corre-se o risco de um desejo anônimo impedir a transmissão da cultura e construir com isto a prevalência do significante criança – no par crianças-adultos, em detrimento do significante filho – no par filho-pais (ROSA & LACET, 2012).

Em se tratando do cenário social atual, o homem parece ter encontrado na competição dos mercados a mais perfeita expressão da guerra de todos contra todos, nas palavras de Engels (DARDOT & LAVAL, 2016b). Se para Benjamin (1933/1987) a primeira grande guerra havia feito com que os combatentes voltassem dos campos de batalha mais pobres em experiências comunicáveis, em nossa normativa atual vivemos em um cenário neoliberal de velocidade da produção e do consumo, em que combates e pobreza linguageira parecem fundamentar-se nas exaustivas competições generalizadas e sem trégua de uma sociedade que muda rapidamente no ritmo do mercado.

Traçando um paralelo com as hipóteses trazidas por Maurice Berger (2001) sobre os processos psíquicos de crianças instáveis, temos na racionalidade fragmentária do capitalismo atual e dos novos engendramentos culturais contemporâneos uma nova forma de operar a angústia, qual seja: a imobilização do caráter conservador e perturbador da vida instintual, pertencente ao sujeito psíquico, pelo invólucro da excitação dos mercados produzidos pelo sujeito social, excitação esta sem história, sem projeto e sem memória. Se o processo cultural da sociedade de Freud (1930/2016) se esforçava por modificar o processo vital e ambivalente do sujeito psíquico pelo mandamento do Super-eu cultural que dizia: “ama teu próximo como a ti mesmo”, o Super-eu cultural contemporâneo parece dizer: “vigie melhor para que se produza mais” (DARDOT & LAVAL, 2016b), convertendo o sujeito psíquico em sujeito social de responsabilização contábil.

Nesta trama, a criança é delegada ao discurso da ciência e aos objetos de consumo, tendo um lugar de destaque na cena social em detrimento da cena da intimidade em seus primeiros e fundamentais ritmos e significações. Herdeiras da trama do neoliberalismo, cujos imperativos soberanos são desempenho e gozo, ficam estas últimas excessivamente cindidas em sua continuidade singular de ser e atravessadas por dispositivos virtuais, da velocidade, do consumo e do gozo os quais roubam o espaço das próprias fantasias e das atividades lúdicas.

Apresenta-se aqui o sujeito social em um processo de defesa paradoxal, posto que seu invólucro de excitação impedirá o aparecimento da angústia, no sentido ambivalente de *unheimlich* na direção oposta de *hilflosigkeit*: a angústia de não estar ligado a ninguém (BERGER, 2001). Supomos com isto que a racionalidade neoliberal, caracterizada pela lógica de mercado fora da esfera mercantil (DARDOT E LAVAL, 2016b), parece estar a serviço do desinvestimento psíquico da relação através do esgotamento pulsional, invertendo a demanda de amor pelo apelo produtivo centrado em si mesmo.

Tal movimento paradoxal se realiza à custa de um corte com o Homem Psicanalítico, conforme o conceito formulado de Fábio Herrmann, um humano desconhecido de si mesmo, contudo profundamente verdadeiro. Para Herrmann (2010), haveria um preço alto a ser pago a caminho das metamorfoses do desejo e das funções psíquicas – no vetor interno como identidade, e no externo como realidade. Tal preço seria o da confusão e da angústia que, após ocupado a estranheza legendária deste lugar, aprenderá a inventar-se. Para Winnicott (1947), um dos preços a ser pago pelo sujeito psíquico estaria localizado em alcançar os níveis mais primitivos de seu ódio legítimo e objetivo, para então se alcançar o amor objetivo; a criança poderia acreditar que é amada somente depois que conseguir sentir-se odiada. Para este autor, na medida que a criança se torna capaz de se sentir uma pessoa inteira, o termo ódio passa a ter sentido no conjunto de seus sentimentos juntamente com espaço das fantasias, dos sonhos pertencentes aos estados ilusórios e intermediários da mente, os quais seriam os operadores na inauguração de travessias e experiências do trajeto pulsional.

Portanto, o fracasso na constituição do espaço de estranheza – *unheimlich* – e da ritmicidade, proposta anteriormente por Freud e Winnicott, provocariam impasses no desenvolvimento do imaginário e da atividade de devaneio, uma vez que a ação de sonho é recalcada e a percepção substituída a projeção. Desta forma, os eventuais cortes de uma parte da vida psíquica tornariam possíveis na infância contemporânea a experiência de um certo sentir, mas não um afeto ligado a uma representação (BERGER, 2001).

Eis aqui os engendramentos do desamparo social, os quais buscam, pela promessa de objetos ofertados pelo capitalismo moderno, por fim ao circuito significativo em torno do objeto perdido (OLIVEIRA, 2016). Diante do exposto, perde-se a ideia de criatividade (WINNICOTT, 1975), profundidade e densidade – remetidos nos textos de Freud como “tanque libidinal” – e ganha-se em exibicionismo e estetização da existência, em uma sociedade organizada enquanto um espetáculo (BIRMAN, 1999).

Neste sentido, para Rosa (2012, 2106), a biopolítica reservaria às crianças um lugar político-libidinal inaugurador da dimensão do gozo sem limites. Segundo a autora, o que estaria no devir da infância contemporânea seria seu efeito de desmonte – bem como da parentalidade que a cerca – atrelada a consequente substituição desta por uma gestão da criança via discurso universitário, ocorrendo aqui, a eliminação da dimensão do Outro enquanto alteridade, e a produção de um estranhamento nos pais e um consequente recuo de suas funções.

Neste mesmo sentido, afirmará Dunker (2011) que a alienação e o fetichismo seriam figuras fundamentais da incapacidade do sujeito de reconhecer-se em sua própria história, partilhando de uma ideia da perda da experiência – *Ehrfahrung*. A agitação neoliberal e o sujeito social centrado em si mesmo parecem surgir como defesas contra as metamorfoses do sujeito psíquico e seu excesso pulsional.

O estatuto do autocentramento, pertencente a nova racionalidade do sujeito social, parece se constituir enquanto proteção contra o desamparo originário e as dores psíquicas daí decorrentes, em que as economias libidinais dirigidas ao outro se recolheriam no sujeito do pathos que agora deseja “bastar-se” e “possuir-se por dentro” (HERRMANN, 2010). Paradoxalmente, segundo Herrmann, esta nostalgia de um estado jamais havido é o que o sujeito renuncia para se humanizar; posto que, é no ritmo singular e íntimo de cada objeto-sujeito, mãe-criança, que há de ser revelado o traçado de uma experiência de vida.

Na história natural e mesmo na história pessoal esse movimento demanda muito tempo, e o resultado é incerto. Podemos supor que muitos espaços foram perdidos, espécies que não se humanizaram, crianças que não chegaram a ser gente. Interessa-nos, contudo, uma dimensão menos espetacular, o movimento infinitamente repetido que, a cada momento, eleva o homem acima da prisão da necessidade, do cerco das coisas. (...) Caso não se conceda o tempo(...) para a representação do desejo, perderá momentaneamente sua humanidade. (HERRMANN, 2010, p. 30)

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. **Outra travessia 5**. Ilha de Santa Catarina: 2005. 8p. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/viewFile/12576/11743>. Acesso em: 17 maio 2019.
- ANDRÉ, Jacques. Entre angústia e desamparo. **Revista Ágora**. Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.95-109, jul./dez. 2001.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGER, Maurice. **A criança instável**. Tradução por: M. M. Cabral Fernandes. Lisboa: CLIMEPSI EDITORES, 2001.
- BERNADINO, Leda.; KUPFER, Maria. A criança como o mestre do gozo da família atual: desdobramentos da “pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil”. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 661-680, set. 2008.
- BIRMAN, Joel. A Psicopatologia na pós modernidade: as alquimias no mal-estar da atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v.2, n. 1, p. 37-49, jan./mar. 1999.
- BIRMAN, Joel. Laços e desenlaces na contemporaneidade. **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, v. 40, n. 72, p. 47-62, jun. 2007.
- BIRMAN, Joel. Criatividade e sublimação em psicanálise. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.11 – 26, 2008.
- BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED. p. 20-28. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 17 maio 2019
- BORAKS, Rahel. Do íntimo à intimidade: ressonâncias de um percurso. **Revista Brasileira Psicanálise**, v. 36, n.4, p.885-898, 2002.
- CECCARELLI, Paulo. Laço social: uma ilusão frente o desamparo. **Reverso - Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais**. Belo Horizonte, n. 58, p. 33 – 42, set. 2009.
- DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016a.

PARAVIDINI, João Luiz Leitão; NEVES, Anamaria Silva; ARAUJO, Sara Andrade Sousa. A perda da experiência de si na infância no cenário neoliberalista: o ritmo do desamparo social. **Crítica Cultural – Critic**, Palhoça, SC, v. 14, n. 1, p. 57-70, jan./jun. 2019.

- DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista O olho da história**. n. 22, abr. 2016b. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/> Acesso em: maio/2019.
- DUNKER, Christian. Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica laciana a partir do perspectivismo animista. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, v. 23, n.1, p.115-136, jun. 2011.
- FREUD, Sigmund. O ‘Estranho’. In J. Salomão (Ed. and Trans.) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1919/2017. v. 17.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras,1930/2010.
- FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In J. Salomão (Ed. and Trans.) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. 1924/2017. vol. 19.
- FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, análise Leiga e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago. 1926/2017. v.19.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. Rio de Janeiro: Imago.1921/2017. v.18.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. Rio de Janeiro: Imago. 1914/2017. v.14,
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. Rio de Janeiro: Imago. 1913/2017. v.13.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. São Paulo: L&PM, 1927/2017. v. 849.
- GUIGNARD, Florence. **A psicanálise e a criança na sociedade ocidental de hoje**. Conferência na SBPSP, São Paulo, nov.2008.
- HERRMANN, Fabio. **Clínica psicanalítica: a arte da interpretação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- MONTES, Fernanda. Psicanálise hoje: produção de novas subjetividades. **Cadernos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 171-192, jul./dez. 2012.
- MENEZES, Lucianne. Pânico e desamparo na atualidade. **Revista Ágora**. Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p. 193-206. jul/dez 2005.
- OLIVEIRA, Humberto. O “Nostálgico” e o o “Contemporâneo”: algumas considerações sobre o lugar do psicanalista no século XXI. **Cadernos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 25-45. jan./jun. 2016.
- QUINET, Antonio. Saúde mental e psicanálise: os foracluídos na cidade dos discursos. **Revista A Peste**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 103-128. jul/dez.2015.
- ROSA, Miriam. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/FAPESP. 2016.
- ROSA, Miriam; LACET, Cristine. A criança na contemporaneidade: entre saber e gozo. **Revista Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 359-372. jul./dez. 2012.
- SANTOS, Tânia. & LOPES, Rosa. **Psicanálise, ciência e discurso**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2013.
- STEIN, Maria. Infantil, eu? **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre, n. 40, p. 09-17. jan./jun. 2011.
- SILVA, Carlos. Orientação Profissional, mentoring, coaching e counseling: algumas singularidades e similaridades. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 299-309 jul. /dez. 2010.
- WINNICOTT, Donald. A tendência anti-social. In: **Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas**. Tradução D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago 1956/2000.
- WINNICOTT, Donald. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. **Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas**. Tradução D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1951/2000.
- WINNICOTT, Donald. O ódio na contratransferência. In: **Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas**. Tradução D. Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1947/2000.
- WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.